# O JOGO INTERACTIVO E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

*MARIA TERESA SANTOS* *

## 1 - INTRODUÇÃO

A partir da década de 70 acentuou-se o interesse pela temática da interacção mãe-criança. Assistiu-se assim, a um período de grande descoberta tanto das competências do recém-nascido como das da própria mãe. Neste campo de investigação extremamente sedutor, a criança é vista como participante activo e criativo em todo o processo de desenvolvimento "numa tentativa de fazer sentido do seu mundo" e não mais considerado o simples imitador de modelos adultos. (Halliday,1975; Tough,1977; Donaldson,1978).

Particularmente no que se refere à aquisição e desenvolvimento da linguagem, tem sido dada grande relevância aos padrões de comportamento verbais e não-verbais presentes nas interacções mãe-criança, e que são tidos como mediadores ou facilitadores desse mesmo desenvolvimento.

Spitz, Bowlby e Harlow (este no domínio etológico) tinham já chamado a atenção para a importância das primeiras relações da criança com os adultos "prestadores de cuidados" (caregivers) - às ligações (bonding) e vinculações (attachment) estabelecidas, e para as consequências, que a ausência ou perturbação das mesmas poderia acarretar ao desenvolvimento infantil.

É, pois, sobre alguns destes comportamentos de interacção (evidenciando-se certas estratégias utilizadas pelas mães) e sua importância para o desenvolvimento da linguagem, que o presente artigo incidirá. A bibliografia aqui revista insere-se fundamentalmente no domínio da psicolinguística e pretende-se a partir dela, extrair algumas ilações para a prática educativa com crianças dos 0 aos 5 anos.

## 2 - O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

A linguagem oral é o sistema simbólico mais versátil e eficaz na reconstrução e representação do real, e o meio privilegiado de comunicação na espécie humana. Trata-se de um processo evolutivo complexo, no qual intervêm factores biológicos e ambientais.

Apesar de o bébé humano ter um maior período de infância comparativamente ao de outras espécies, e ser por isso também o mais plástico às influências do meio, parece estar bastante bem preparado para "enfrentar o mundo", pelo menos no que diz respeito às suas competências perceptivas, como o revelam os estudos de Bower (1983).

No que se relaciona com a aquisição e desenvolvimento da linguagem, observou-se que bébés apenas com algumas semanas de vida são capazes de distinguir o discurso do não-discurso; prestam atenção especial à voz humana e a sons seme-

* Docente da ESE de Beja

lhantes e a fala parece produzir maior actividade eléctrica no hemisfério cerebral esquerdo, ao qual se atribui a especialização das funções da linguagem (de Villiers e de Villiers,1979; Bloom,1983).

A linguagem surge em todas as crianças normais em períodos cronológicos muito semelhantes e as etapas do seu desenvolvimento obedecem a uma certa sequencialização, de tal modo que uma criança aos 4 anos domina já praticamente o código linguístico da sua língua materna. A partir desta idade apenas se torna mais rico e sofisticado em vocabulário e estrutura sintáctica.

A constatação de tal facto, tem levado à defesa de que se trata essencialmente de um processo de maturação, e por conseguinte, os factores de ordem ambiental não seriam determinantes para o aparecimento dos comportamentos verbais, influindo somente na qualidade dos mesmos. Contudo, parece não oferecer dúvidas, que a exposição a um meio verbal, num período considerado crítico (0-10 anos), é condição "sine qua non" para o desenvolvimento da linguagem, como ficou aliás demonstrado pela educação da "criança selvagem" a cargo do médico e pedagogo francês Jean Itard. No entanto, a exposição a um meio verbal, como por exemplo, a televisão ou rádio, não é por si só suficiente, uma vez que a criança necessita de estar exposta a um meio linguístico que entre em relação activa com ela, pois só assim, aprenderá as diferenças dos sons, da estrutura e da semântica da sua língua materna.

É pois, baseados neste pressuposto que Streng et al. (1978) consideram que a riqueza e a variedade das trocas comunicativas entre a criança e adultos significativos são determinantes para a aprendizagem da linguagem. Essas trocas, caracterizadas no período pré-linguístico por todo um conjunto de linguagem corporal, "bits" de informação, serviriam por conseguinte, de indicadores para comportamentos específicos, tanto da parte da criança como do adulto, estabelecendo assim, "o terreno para verdadeiras conversações".

## 3 - O DISCURSO MATERNO FACILITANDO A COMUNICAÇÃO

Num processo normal, a comunicação estabelece-se quando a intenção semântica do que fala coincide com a interpretação semântica do que ouve; tarefa considerada fácil quando se dá entre adultos ou crianças que já dominam o código linguístico. Ora, no período pré-linguístico, o significado da mensagem da criança nem sempre é claro e os adultos vêem-se na contingência de negociar essa troca comunicativa, de modo a fazer coincidir quer a intenção, quer a interpretação da mensagem, naquilo que Golinkoff (1983) apelidou de "negociação de mensagens falhadas" (negotiation of failed messages).

Quanto ao tipo de comportamentos verbais dos adultos dirigidos a crianças na fase do seu desenvolvimento da linguagem, acreditava-se que não passava de uma forma distorcida do discurso adulto. Existe,hoje, evidência de que esse discurso, em especial, o discurso materno - "motherese; baby talk; baby register" - como é designado, se caracteriza por uma forma mais correcta e simplificada, adaptado e ajustado ao nível de compreensão da criança, bem como das suas necessidades (Brown,1977; Cross, 1983). Algumas das principais características deste discurso são, segundo Streng et al. (1978)) as seguintes:

1) Uso de vocabulário limitado;
2) Uso de vocabulário altamente referencial;
3) Uso de vocabulos compostos de consoante-vogal-consoante-vogal (ex.: papa;pópó);
4) Uso de construções gramaticais tidas como mais fáceis para a compreensão da criança;
5) Uso de discurso altamente redundante e com poucas discrepâncias ou hesitações;
6) variação das estratégias de comunicação dependendo do contexto.

A interacção mãe-criança actua como deflagrador dos comportamentos descritos, delineando assim o "campo" de negociação e os respectivos ajustamentos.

Quanto às estratégias mais utilizadas pelas mães assim que a criança começa a verbalizar, e às quais se atribui um peso considerável no desenvolvimento da linguagem, destacam-se:

1) **Expansões** - A mãe fornece à criança a forma correcta do que ela diz. Por exemplo, na frase da criança "Papá lá", a mãe dirá "Sim, o papá vem lá".

2) **Extensões** - A mãe aceita a frase da criança, fornecendo o modelo correcto e acrescentando informação. No exemplo citado diria "Sim, o papá vem lá e parece estar contente".

3) **Reforço** - A mãe fornece à criança indicação para ela (proding) repetir a frase ou continuar a conversa. Do tipo "Umm..."

Estas estratégias surgem em consequência de toda uma série de experiências que ajudam a estabelecer a "ponte" entre a experiência linguística e não-linguística e foram observadas em várias culturas, o que lhe parece conferir um carácter universal (de Villiers e de Villiers,1979).

Repare-se que nos exemplos citados, a mãe não chama a atenção da criança para uma estrutura menos correcta. Ela compreende que se trata de uma etapa da evolução linguística e fornece apenas modelos correctos que irão possibilitar a observação e aprendizagem por parte da criança, de tal modo que se o nível de compreensão desta se apresenta mais complexo ou sofisticado do que julgou, o seu discurso tornar-se-á menos redundante, e se o contrário se verifica, evitará um discurso demasiado difícil (Streng et al., 1978; Cross, 1983; Newport et al., 1983).

Para Newport et al. (1983) a explicação de tais condutas estaria no objectivo da comunicação do aqui-e-agora com um ouvinte limitado e pouco atento, e destinar-se-ia, assim, a facilitar a compreensão da criança, pela redução das tarefas de atenção e de processamento de informação requeridas em circunstâncias semelhantes. Waterhouse (1982) adianta a hipótese de que tais ajustamentos por parte da mãe poderão representar "uma espécie de equilíbrio ritual" que servirão para demonstrar o respeito comunicativo pela criança. Contudo, reconhece-se também, à criança a capacidade de organizar a quantidade de informação linguística, filtrando-a selectivamente.

Seja como fôr, a "linguagem-bébé" (baby talk) não aparece apenas como uma versão simplista ou simplificada da linguagem do adulto, mas antes como um subsistema com características próprias, que obedece a certas regras; é empregue em contextos determinados e parece transmitir-se culturalmente como o próprio sistema linguístico. Num estudo de Ferguson (1964, citado por Richelle,1976) que abordou o fenómeno em diferentes culturas, é feita referência especial às formas onomatopaicas (ex: ão-ão por cão) e às formas diminutivas.

É interessante verificar que este sub-sistema linguístico aparece igualmente na linguagem amorosa entre adultos ou na criança mais velha no seu jogo simbólico com bonecas, demonstrando-se a sua importância nas trocas afectivas.

A utilização de tal forma de discurso não é independente da personalidade de cada um e será tanto mais espontâneo consoante a sua aceitação social. Torna-se igualmente necessário estar consciente do facto, de que existem diferenças entre os estilos individuais no grupo de mães e que, por conseguinte, há que considerar outras variáveis passíveis de influenciarem o desenvolvimento linguístico da criança.

As diferenças de estilo mais significativas parecem ter sido encontradas no grupo de mães de crianças deficientes, entre as quais se observou um menor recurso às estratégias atrás focadas. O que é aliás compreensível, face às dificuldades que se colocam no relacionamento mãe-criança e face à pouca solicitação e actividade da criança deficiente perante o seu meio ambiente. Este facto, põe em evidência a importância do jogo interactivo para o desen-

volvimento da criança e o papel verdadeiramente activo que esta desempenha em todo o processo.

## 4 - DISCUSSÃO

O tema aqui abordado possibilitaria uma maior explanação e aprofundamento. Contudo, procurou-se apenas chamar a atenção para aspectos tais como certos comportamentos maternos resultantes da interacção mãe-criança, considerados na perspectiva dos autores referidos, como facilitadores do desenvolvimento da linguagem.

Um outro objectivo seria o de tentar extrair algumas ilações para a prática educativa com crianças dos 0-5 anos. Poder-se-á argumentar que tudo isto não tem muita aplicação no contexto educativo pré-escolar, uma vez que será muito mais fácil para uma mãe adoptar os comportamentos descritos, porque está envolvida emocionalmente com o seu filho; partilha com ele experiências únicas, que lhe permitem relacionar o passado ao presente e projectá-lo no futuro, numa tal riqueza de trocas comunicativas, dificilmente comparável às estabelecidas entre educadora-criança.

Certamente ninguém contestará um tal argumento. Aliás para provar a veracidade do mesmo, realizaram-se já alguns estudos comparativos do discurso (nos seus aspectos qualitativos e quantitativos) que um grupo de mães e educadores dirigiam às mesmas crianças e vice-versa. A título de exemplo, cita-se o estudo de Tizard e Hughes (1984), cujos resultados apontam de facto, para a comprovação da tese atrás defendida, ou seja a riqueza de linguagem utilizada na comunicação mãe-filho é superior à utilizada entre educadora-criança.

Parecendo uma conclusão natural e até de certo modo pacífica, a mesma levantou contudo grande polémica, servindo de pretexto a alguns para colocar em causa a importância da educação infantil formal no desenvolvimento da criança, especificamente neste domínio da linguagem.

No entanto, sabe-se que a educação infantil formal pode ser de facto, um factor de peso no futuro desenvolvimento da criança, como o vieram a demonstrar alguns estudos longitudinais sobre os efeitos da Educação Pré-escolar, levados a cabo nos Estados Unidos da América.Foram de particular importância os programas educativos que numa perspectiva ecológica do desenvolvimento, procuraram envolver não só a criança, mas a sua família e todo o seu contexto de socialização (Bronfenbrenner, 1976).

Strong et al. (1978) consideram que a adopção por parte dos educadores, de estratégias semelhantes às utilizadas na sua generalidade pelas mães, tem efeitos muito positivos sobre o desenvolvimento da linguagem em crianças surdas. Esta mesma opinião é partilhada por outros autores, no que diz respeito à reeducação de crianças que apresentam distúrbios de linguagem de vária ordem.

Verifica-se frequentemente que as actividades programadas em jardim-de-infância atribuem pouco espaço à troca linguística entre educador-crianças. Ela é sem dúvida, mais frequente entre as próprias crianças, facto que se compreende pelo número de crianças para um adulto, nas instituições que se dedicam à educação infantil.

No entanto, e apesar de todos os obstáculos, parece de alguma importância fomentar o alargamento de um tal espaço, que poderá ser mediatizado pelas actividades planeadas.

Se a educadora estiver atenta ao seu estilo de relação, à sua forma de comunicação, enquadrando muito naturalmente as experiências linguísticas e não-linguísticas num contexto significativo para a criança; introduzindo elementos correctos e vocabulário novo, que levarão a criança a consolidar, completar ou modificar os seus comportamentos verbais, estará sem dúvida, a contribuir de forma muito positiva para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança.

**REFERÊNCIAS:**

**BLOOM**, R., Discussion of continuity and descontinuity, and the magic of language development, in R.M. Golinkff, *The Transition from prelinguistic to linguístic Communication*; Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey, 1983.
**BOWER**, T.G.R., *Uma introdução ao desenvolvimento da primeira infância*, Moraes Editores, Lisboa, 1983.
**BRONFENBRENNER**, Urie, Is early intervention effective: facts and principles of early intervention: a summary, in Clarke & Clarke (eds) - *Early Experience: Myth and Evidence*. London: Open Books, 1976.
**BROWN**, R., *Introduction in Snow & Ferguson Talking to Children - language input and acquisition*. Cambridge University Press, 1977.
**CROSS**, T.G., Mother's speech adjustments: the contribuitions of selected child listener variables, in Snow & Ferguson - *Talking to children - language input and acquisition*. Cambridge University Press, 1977.
**DONALDSON**, M., *Children's minds*, Flamingo, London, 1978.
**GOLINKOFF**, R. M(ed), *The transition from prelinguistic to linguistic communication*, Lawrence Erlbaum Assoc., New Jersey, 1983.
**HALLIDAY**, M.A.K., *Learning how to mean - explorations in the development of language*, Edward Arnold Ltd, London, 1975.
**NEWPORT**, E.L. et.al.Mother I'd rather do it myself : some effects and non-effects of maternal speech style, in Snow & Ferguson - *Talking to children-language input and acquisition*, University Press, Cambridge, 1977.
**RICHELLE**, M. *A aquisição da linguagem*, Socicultur, Lisboa, 1976.
**STRENG**, A. H. et al. *Language, learning and deafness: theory, application and classroom management*, Grune & Stratton, New York, 1978.
**TIZARD**, B. e **HUGHES**, M. *Young children learning, talking and thinking at home and at school*, Fontana paperback, London, 1984
**TOUGH**, J. *The development of meaning*, George Allen & Unwin. Ltd, London,1977.
**DE VILLIERS**, P.A. e **DE VILLIERS**,J.G. - *Early language*, Fontana/Open Books, Glasgow, 1979.